

**Como citar este artigo**

Almeida DB, Silva GTR, Peres MAA. O lugar da história na sustentação da ciência e da prática profissional da enfermeira. *Hist Enferm Rev Eletrônica*. 2023;14:ed2pt. <https://doi.org/10.51234/here.2023.v14.eed2pt>

Autor correspondente

Deybson Borba de Almeida
E-mail: dbalmeida@uefs.br

O lugar da história na sustentação da ciência e da prática profissional da enfermeira

Deybson Borba de Almeida^I ORCID: 0000-0002-2311-6204

Gilberto Tadeu Reis da Silva^{II} ORCID: 0000-0002-0595-0780

Maria Angélica de Almeida Peres^{III} ORCID: 0000-0002-6430-3540

^I Universidade Estadual de Feira de Santana, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Gestão, Avaliação e História da Enfermagem. Feira de Santana, Bahia, Brasil.

^{II} Universidade Federal da Bahia, Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração do Serviços de Saúde e Enfermagem. Salvador, Bahia, Brasil.

^{III} Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery, Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem e de Saúde Mental. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

A História da Enfermagem é essencial para a sustentação da ciência e de uma prática profissional reconhecida e valorizada socialmente. O conhecimento da história da profissão tem relação com a formação identitária, seu sentido, suas possibilidades, encruzilhadas e curvas.

Tomando a movimentação que há sobre a prática avançada na enfermagem, a ciência e a importância da história para o campo profissional, para refletir sobre esses elementos e pensar em perspectivas no jogo da vida na Enfermagem, bem como traçarmos nossa realidade e as possibilidades para o futuro.

Convidamos o leitor para embarcar nesta reflexão e, exercendo a epistemologia do sujeito, compreender um ponto de vista sobre todos os modismos implantados na sociedade, bem como as repercussões da implantação do novo na profissão de enfermagem, quando a inovação representa certa negação do passado e uma ideia equivocada de que o avanço é a recusa do passado.

Nesta primeira parada, nos deparamos com a relação existente entre a história e a identidade das pessoas e coletividades. Identificamos também a sua centralidade para compreensão do mundo, dos fenômenos que nos cercam, de uma coletividade, de si, e de seu lugar no mundo como sujeito político.

Desse modo, a história é o espaço de construção das sociedades e de suas relações, exercendo uma dialética de criador e, ao mesmo tempo, de criatura. E nesse sentido, fica óbvia a relação da história para compreensão e intervenção sobre a vida social.

Contudo, como podemos pensar políticas, movimentos, trabalho e relações sociais sem o instrumental da história? Como resgatar das “prisões” os indivíduos sem o entendimento da história, daquilo que se é e do que se pode ser. E isto é fundamental para refletir sobre uma profissão majoritariamente feminina, com base religiosa e militar, costumeiramente colocada no “meio do caminho” com a seguinte frase: por que não fez medicina?

Já numa segunda parada, percebemos a enfermeira inserida num contexto precarizado de trabalho, com dificuldade de compreender o sentido do seu fazer para além de se ocupar da prescrição médica ou dos programas ministeriais de saúde pública. Agrava essa situação o fato de tais programas, muitas vezes, fundamentar-se na lógica de necessidade de mercado e reforçarem hiatos entre o trabalho do médico e dos outros profissionais.

Neste íterim, mergulhamos numa discussão de prática avançada achando que é um movimento de visibilidade e transformação da enfermagem brasileira. Como podemos identificar uma prática mais avançada do que o cuidado humano, expresso por um banho no leito de um paciente crítico, um curativo de uma pessoa em cuidados paliativos, o acompanhar o desenvolvimento da criança ou um plano de cuidados que abranja as dimensões biopsico e espirituais? Existe algo mais avançado do que isto? E o que é mesmo avançado? Numa profissão, em que cada indivíduo é um universo interminável de sentidos e significados, por que assumimos o novo e descartamos o que fazíamos antes como de segunda classe?

E, por fim, na terceira parada, destacamos às Enfermeiras brasileiras, o objeto deste editorial, o quanto essa profissão militou e milita para a construção do Sistema Único de Saúde como política de Estado e universal, além de ter construído, com suas mãos e mentes, a Política Nacional de Imunização no SUS, que salvou os brasileiros nos tempos mais sombrios da história, de fascismo e negacionismo, e que aplicou mais de 12 bilhões de doses no mundo e imunizou com todas as doses necessárias contra COVID-19 mais de duzentas mil pessoas no Brasil.

Não nos referimos à aplicação de injeções, mas a todo conhecimento técnico-científico que existe para que esse programa funcione e seja tão célere no Brasil. Ainda que a imprensa não mostre, tampouco valorize, sabemos bem quem gerencia e operacionaliza a vacinação no SUS - AS ENFERMEIRAS.

Por prática avançada, entendemos todos os cuidados com os indivíduos, coletividades e ecossistemas, guiados pela história, por teorias e modelos, especificamente pelo processo de Enfermagem. E isso, que é genuíno e valioso na Enfermagem, não está dentro de nenhuma novidade, pois é simplesmente o que já é, ou seja, faz parte da nossa história.